



APRENDIZAGEM DIVERTIDA

Pâmela Vieira da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho aborda sobre a prática docente, e resultados preliminares de um projeto educacional que teve como objetivo principal oferecer a alunos de uma escola da Rede Municipal de Novo Hamburgo momentos para explorar suas habilidades, descobrir a área que cada um mais se identifica e se ver como agente criador. A análise dos dados até aqui realizada apontou para elementos interessantes quanto a tais implicações do cotidiano. A principal delas refere-se relevância de incorporar as variadas estratégias de habilidades aos processos pedagógicos postos em ação nos projetos educativos. Do até aqui examinado pode-se afirmar que o Projeto produziu elementos que possibilitam compreender a importância de introduzir métodos pedagógicos que contribuam para que a criança se perceba como agente criador e pertencente a um grupo social.

Palavras chaves: Identidade. Aprendizagem significativa. Descobrir. Habilidades.

ABSTRACT

This paper reports on the teaching practice, and preliminary results of an educational project that aimed to offer students from a school in Novo Hamburgo, moments to explore their skills, discover the area that each one is identified and more see how creative agent. The analysis performed so far point to interesting elements such as the implications of everyday life. The main one relates to the importance of incorporating various strategies skills to pedagogical processes set in motion in educational programs. So far can be said that the Project has produced elements that allow to understand the importance of introducing teaching methods to help ensure that the child is perceived as a creative agent, belonging to a social group.

Keywords: Identity. Meaningful learning. Discover. Skills.

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais de vagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Mrtins, 2009, p.119)

¹ Acadêmica de Pedagogia e Bolsista PIBID/CAPES-CNPq pela Universidade Feevale, professora estagiária da Rede Municipal de Novo Hamburgo.

INTRODUÇÃO

O projeto está sendo desenvolvido em 16 turmas de uma escola da rede municipal de Novo Hamburgo, no intuito de auxiliar o trabalho docente, proporcionando aos 360 alunos de FE-5 a 4º ano que são atendidos pelo projeto, a possibilidade de explorar suas habilidades e descobrir a área com que cada um mais se identifica. Uma vez entendido que a aprendizagem torna-se possível quando a pessoa se reconhece como indivíduo e agente criador, o projeto tem como objetivo permitir por meio de uma proposta lúdica e interdisciplinar desenvolver tais habilidades e instigar o aluno a aprimorar de maneira independente suas aptidões. São desenvolvidas atividades variadas que estimulam o processo de aprendizagem, entre elas: pesquisa, elaboração e construção de trabalhos e artefatos artísticos em suas mais variadas formas como a dança, música, teatro, pintura, modelagem. Construção de jogos que estimulam múltiplas habilidades. Atividades que estimulam a expressão verbal e a escrita, elaboração de textos, poemas, letras de música, cartas endereçadas e toda forma de escrita e símbolos que permitam o indivíduo se expressar. Entram nesse mérito as contações, construções, audições de histórias e contos literários. Possibilitando ainda um momento de autoavaliação em que o aluno pode expor suas dificuldades, suas facilidades e relacioná-las com suas experiências do cotidiano bem como, avaliar o projeto de forma constante. O projeto se estenderá na escola até o final do ano letivo, durante este primeiro semestre tem se mostrado de grande aceitação e demonstrado resultados positivos, tanto por parte dos alunos, quanto por relatos dos professores titulares das turmas e da direção da escola. Esses narram que muitos alunos que vinham apresentando atitudes inadequadas, de conduta agressiva, mostraram mudanças significativas e positivas pelo seu envolvimento no Projeto Aprendizagem Divertida.

IDENTIDADE

Iniciei o primeiro dia de aula explicando aos alunos de cada turma o objetivo do projeto, o que faríamos no decorrer das aulas e a importância disso para cada um deles. Pedi então que cada aluno dissesse o que gosta de fazer na escola, enquanto os alunos falavam eu anotava no quadro para que eles pudessem ter uma referência escrita. Com as turmas de FE-5 e 1ºs anos a conversa foi filmada. Os alunos apresentaram muitas coisas, as principais delas

são: Pular corda, jogar futebol, brincar com os colegas, jogar basquete, brincar de pega-pega, esconde-esconde, estudar, jogar caçador, correr, pintar, gostam do pátio da escola, desenhar, escrever, cantar, brincar na quadra, fazer continhas, brincadeiras novas, dançar, jogar vôlei, colorir, pintar com tinta, estudar, Ed. Física, tema de casa, brincar no gira-gira, balanço, pracinha, informática e artes.

Conversamos então sobre a importância de saber o que gostamos de fazer, conhecer o que os colegas gostam, respeitá-los em suas escolhas, saber ouvi-los e cooperar para que todos possam se sentir felizes fazendo o que desejam. Foi um momento fundamental e serviu como base para todas as demais aulas. Retomamos muitas vezes a questão de ouvir e compreender o outro, facilitando assim o processo de aprendizagem durante o período em que se encontram na escola e fora dela, pois

O ato de aprender, invariavelmente, trará mudanças significativas na vida de quem aprende. Neste sentido, aprendizagem é o processo de modificação sistemática do comportamento. A eficiência do ensino é confirmada na aprendizagem. Quando há aprendizagem, há também mudanças substanciais na conduta, no comportamento, no modo de pensar a si e aos outros, na visão de mundo (cosmovisão), e nas habilidades para realizar determinadas tarefas (Chaves, 2012, p.52).

No que nos foi apresentado por Chaves destaco a importância do professor ensinar seus alunos pensar a si e aos outros, permitindo momentos de diálogo em sala de aula e explicando que aprender não é apenas copiar coisas do quadro. Já tivemos momentos de aula riquíssimos, mas que no final fui questionada por alunos, se nós não iríamos ter aula aquele dia, porque não foi escrito nada no quadro. Percebe-se que a educação vem de casa muito estereotipada e há aqueles que formam-se professores carregando consigo esses mesmos conceitos. Percebe-se claramente que as crianças, em sua maioria, tem apresentado grande dificuldade para ouvir o outro com respeito e refletir sobre o que lhes está sendo dito. Penso que essa é a primeira habilidade que precisa ser trabalhada pelos professores e continuamente retomada por meio de técnicas variadas.

Muitas vezes ao perceber a agitação da turma e a ansiedade para realizar a tarefa proposta sem que se importassem com a explicação para o desenvolvimento da mesma, precisei parar a aula para utilizar de técnicas que trabalham a audição e a concentração. Pedia então que por dois minutos ouvissem os sons da rua, depois um aluno por vez poderia relatar o que ouviu. Logo lhes explicava a importância de estarem atentos aos acontecimentos em nossa volta e chamava-lhes a atenção para o fato de que alguns ouviram coisas que outros nem se quer perceberam. Em outros momentos usei a técnica da respiração. Respire a flor

imaginária, sinta o perfume dela, encha o balão, faziam assim várias vezes até que o balão imaginário ficasse bem cheio, eles pudessem amarrar, jogá-lo para cima deixando a sala linda e colorida. Depois guardariam a flor no coração, sempre que sentissem saudade da professora poderiam pegar a flor e sentir o perfume. Essa técnica é muito boa com as crianças menores, não foram poucas as vezes que encontrei uma criança nos corredores da escola me dizendo que a flor ainda estava ali no coração, bem guardada e cheirosa. Utilizei muito de técnicas rítmicas trabalhando sequência com palmas, essa, permite que os alunos aprendam a se ouvir e ouvir o outro para poder manter o mesmo ritmo. O filósofo e pedagogo Rubem Alves brinca em uma de suas crônicas dizendo que “há curso de oratória, não há curso de escutatória. Todos querem aprender a falar ninguém quer aprender a escutar”. Diante de tantas funções que competem ao educador, ensinar a escutar, em minha opinião, é algo que não deveria passar despercebido. Todas as vezes que utilizei desses recursos explicava aos alunos porque estávamos fazendo aquilo, e a importância de desenvolver essas habilidades para o cotidiano escolar, social e profissional de acordo com as escolhas que cada um fizer para sua vida.

Dialogar com os alunos, ouvi-los, permitir que eles saibam os objetivos e as atividades que serão desenvolvidas tem possibilitado aulas muito produtivas e com resultados riquíssimos em relação ao envolvimento de cada um na realização do que lhes é proposto, intrínseco a isso fica a valorização do aluno. Ele percebe que o professor o respeita e se importa, por essa razão o informa. Fazendo isso trabalha-se também a autoestima dos alunos. “Quem tem auto-estima saudável é seguro o suficiente para respeitar os outros e para ser respeitado por eles, pois se comporta como lhe diz sua própria consciência ética (Tiba, 2006, p. 154-155)”.

Pensando na valorização das ideias dos alunos após a primeira aula elaborei as atividades e alterei algumas coisas no projeto inicial. Percebi a importância de iniciar com o conceito de “eu”, depois passamos a refletir sobre seu lugar na sociedade e formas de contribuírem com o meio social que estão inseridos. Entendo que a partir do momento que o ser humano consegue se perceber como indivíduo criador tendo sua identidade bem formada, ele consegue também aprender e enfrentar o novo com segurança em sua capacidade, bem como ensinar os demais colegas tendo firmeza no que está falando conquistando com isso confiança em si próprio. Ferraz nos leva a refletir sobre tal postura trazendo a tona o seguinte questionamento:

“Em nosso sistema educacional, damos, realmente, ênfase aos valores humanos? Ou estamos tão ofuscados pelas recompensas materiais que não logamos reconhecer

que os verdadeiros valores da democracia residem no seu mais precioso bem, o indivíduo?” (Lowenfeld, 1977, p.15-18 APUD Ferraz, 2010, p. 35).

Em respeito à individualidade dos alunos e das turmas busquei adaptar as atividades de acordo com as características de cada grupo. Nas Faixas Etárias 5 (FE-5), 1º anos, 2º anos e 3º anos, iniciamos com atividade do espelho. Levei uma caixa, disse que ali dentro existia uma pessoa especial, ela estava viva, era mágica porque aparecia de um jeito diferente para cada pessoa que olhasse e só podia ser olhado por uma pessoa de cada vez, o segredo não poderia ser revelado até a ordem da professora. As crianças se apresentaram curiosas e desejosas em descobrir essa pessoa. Como seria possível alguém caber dentro daquela caixa tão pequena?

Na maioria das turmas as crianças guardaram o segredo até que todos se vissem no espelho, muitas se mostraram surpresas frente a sua imagem. A aula foi conduzida por questionamentos constantes direcionando os alunos a reflexão. As demais aulas foram desenvolvidas da seguinte maneira: os alunos de FE-5 e 1º anos, fizeram dois desenhos Eu/Eu na escola com meus amigos, depois com massa de modelar fizeram sua família.

Os alunos de 2º e 3º anos desenharam “Eu” e “eu na escola com amigos” depois recortaram de revistas pessoas que representassem suas famílias. Foi uma aula rica que conduziu os alunos a refletir no conceito de família, alguns queriam incluir os animais de estimação, outros a Dinda que os visitava todas as semanas. Dessa forma, cheios de questionamentos e conflitos internos eles vinham até mim perguntando se podiam incluí-los. Se Dindo também é família, se avó que mora em outra casa faz parte da família ou se o namorado da irmã que está todos os dias lá é também a família. O interessante foi que seus conflitos foram aos poucos se resolvendo por meio da troca com os colegas, pois à medida que a dúvida surgia alguém logo aparecia com uma resposta ou um comentário.

Os alunos de 4º ano realizaram esse processo em quatro aulas, na primeira pedi que se observassem no espelho e depois se desenhassem. A maioria dos alunos se desenhou como um bonequinho. Na segunda aula fizemos duas fileiras com alunos de frente um para o outro para que observassem o colega por dois minutos, destacando detalhes que o identifica-se (cor dos olhos, cabelo, algum sinal, óculos), depois conversamos sobre o assunto.

Na terceira aula conversamos sobre a importância do olhar atento, entreguei um pouco de creme nas mãos de cada aluno, pedi que passassem em seus rostos se tocando, observando os detalhes, após pedi que se olhassem no espelho e se desenhassem. Na quarta aula entreguei os trabalhos feitos anteriormente aos colegas, para comentarem sobre as diferenças entre os



dois desenhos e se questionar o porquê delas haverem. Conversamos sobre a importância de estarem atentos, observando as coisas que acontecem ao redor, as imagens e mensagens que recebemos. Para que dessa maneira a aprendizagem possa ser constantemente relacionada com o cotidiano, tanto dentro, quanto fora da escola e os acontecimentos rotineiros possam ter significado contribuindo com esse processo.

Destaco aqui a importância do olhar. O olhar do educador vai direcionar o olhar do aprendiz. Trago com isso a ideia de Rubem Alves, que diz que o rosto do professor revela ao aluno o segredo do seu olhar. O filósofo nos apresenta aqui o cuidado que o professor precisa ter ao olhar para seus alunos e o que dessa forma lhes fica transparecido. Percebo a importância do professor olhar com ternura e ensiná-los a olhar-se, olhar o outro, perceber-se como seres importantes e dignos de respeito. Para que dessa maneira possam enxergar-se capazes de resolver conflitos internos, estar estruturados para os conflitos externos que inevitavelmente todo ser humano passa. Pois o que é a escola se não parte de uma preparação para a vida? Por que não dizer parte da vida? Pois segundo nos relata Alves,

Eu acho que o objetivo das escolas e universidades é contribuir para o bem estar do povo. Por isso, sua tarefa mais importante é desenvolver, nos cidadãos, a capacidade de pensar (Alves, Entre a ciência e a sapiência, 2001, p.71).

Nada melhor do que pensar em si, em suas atitudes frente aos outros e suas escolhas para descobrirem o que desejam de suas vidas. A escola deve sim ser a mediadora dessas descobertas contribuindo para que novos caminhos sejam apresentados aos alunos.

CONSTRUÇÃO E DESCOBERTA

Outra atividade que considero importante compartilhar aqui teve início não muito diferente da anteriormente relatada, pois da mesma forma, logo na primeira aula apresentei aos alunos o que seria desenvolvido.

1ª aula: contação de história e conversa sobre projeções para o futuro.

2ª aula: criação de dois personagens um humano e outro animal.

3ª e 4ª aula: criação coletiva de uma história.

5ª aula: confecção de fantoches de dobraduras.

6ª aula: ensaio e apresentação do teatro.

7ª aula: conversa sobre o as aulas anteriores (“avaliação”).

Contei a eles história da arca de Noé. Depois conversamos sobre a importância de trabalhar por aquilo que se acredita mesmo diante das adversidades, como foi o caso do personagem que levou muitos anos trabalhando afincado em sua construção mesmo sendo desacreditado pelas outras pessoas. Perguntei a cada aluno sobre seus sonhos e o que eles gostariam de fazer. De forma bem pontual tratamos sobre os caminhos que deveriam percorrer para realizar seus objetivos, a importância da educação e da escola como facilitadoras nesse processo. Pois acredito que os sonhos e o desejo de realizá-los são o que impulsionam os seres humanos a tomar decisões importantes em suas vidas. Com isso percebo a importância de levar os alunos a planejarem o futuro criando assim expectativas para o amanhã e desejo de prosseguir, mostrando-lhes que a felicidade é algo atingível, basta prepararmos-nos para ela. Que transformar os sonhos em projetos concretizáveis é um meio de alcançá-la. E já que a escola é um meio de preparação para a vida, sonhar também deve ter seu espaço no ambiente escolar. Torna-se necessário que ela crie momentos que permitam os alunos sonhar, pois

Se os barcos se fazem com ciência, a navegação se faz com os sonhos. Infelizmente a ciência, utilíssima, especialista em saber “como as coisas funcionam”, tudo ignora sobre o coração humano. É preciso sonhar para se decidir sobre o destino da navegação (Alves, Entre a ciência e a sapiência, 2001, p.74).

Após a “aula de sonhos”, na semana seguinte retomei com eles os passos que seguiríamos dando continuidade nas atividades com a criação, por meio de desenho, dos personagens humano e animal. Pedi a eles que não fizessem personagens que já existiam como Homem Aranha, Mônica, Mickey entre outros, mas que pensassem em um novo personagem e assim o criassem, pois ele seria utilizado na história deles. Confesso que fiquei muito surpresa com o resultado. Os alunos mostraram-se muito criativos tanto nos desenhos, quanto na escolha dos nomes para os personagens.

Como relatado acima, na terceira e na quarta aula os alunos fizeram a construção coletiva da história, usando os personagens criados por eles. Nos 2ºs, 3ºs e 4ºs anos, deixei que os alunos se organizassem livremente para formar os grupos de cinco ou seis pessoas, foi muito positivo dar a eles essa autonomia, pois surgiram alguns conflitos como ter pessoas a mais em um determinado grupo e assim foram se organizando sozinhos. Nas FE-5 e nos 1ºs anos, fizemos uma história por turma, eles olhavam os personagens, iam narrando a história incluindo-os, enquanto eu escrevia e filmava o momento, depois li para o resultado de suas

criações. No caso dos menores achei muito interessante que, com exceção de uma turma, na aula seguinte eles sabiam exatamente cada passo da história que haviam criado. Alguns narravam trechos igual à forma que eu escrevi. Vejo isso de forma muito positiva, pois mostrou que esse conhecimento ficou interiorizado. Bem sabemos que, para isso acontecer é necessário que faça significado para eles. Diante dessa reflexão vi que o principal objetivo havia sido atingido, percebi que estava no caminho certo para que os demais também fossem alcançados.

Rubem Alves nos apresenta uma lamentável verdade: “os alunos aprendem que as coisas importantes são escritas em livros, e com isso eles são desencorajados de pensar seu próprio pensamento”. Por meio da troca com os colegas, busquei encorajar os alunos a escrever percebendo que suas ideias tem valor. Dessa forma, nas demais turmas, a organização das ideias foi visivelmente notória durante o processo de construção da história. Tanto pela organização, quanto pelo resultado final, buscando sempre seguir os passos de formação textual com início, meio e fim mantendo coerência na história.

Após a construção da história os ensinei a fazer o fantoche de dobraduras, cada um fez o seu personagem de acordo com as características dos mesmos. Percebi muita satisfação por parte dos alunos e envolvimento de 100% deles na realização das atividades. Acredito que o principal responsável por esse envolvimento se deu ao fato deles saberem o objetivo das atividades e ter conhecimento do ponto que eles precisariam chegar. As crianças sabiam que não estavam desenhando por desenhar, escrevendo por escrever, construindo por construir, mas sim que em todos os momentos uma coisa estava ligada a outra e no final elas poderiam ver o resultado do seu trabalho, a concretização do projeto inicial. Seguramente caracterizo esse processo como aprendizagem significativa.

Este foi um momento riquíssimo, pois houve muitas trocas entre os alunos tanto para ajuda quanto para sugestões de como fazer, foram poucos os que demonstraram falta de autonomia ou de iniciativa para decidir sobre os detalhes, pedindo para que eu fizesse ou um olho, ou chapéu, aproveitava do momento para lhes explicar a importância de fazer seu próprio trabalho. Logo, retornavam até mim mostrando o resultado e demonstrando satisfação por terem conseguido fazer sozinhos.

O saber não é algo que vem de fora, que pode ser transmitido por outra pessoa ou conquistado através de uma leitura. O saber é sempre uma construção pessoal e intransferível, resultado da organização, pela criança, das ideias novas que recebe em mecanismo de associação às ideias que já habitam sua mente. Somente assim se aprende, e por isso toda aprendizagem requer uma efetiva contextualização, isto é,



uma integração entre as idéias novas que se conquista com as que já se possui (Antunes, 2008, p.20).

A capacidade de criar é algo que necessita ser estimulado constantemente, pois a criança, na maioria das vezes, deseja que seu trabalho seja tão bonito quanto o apresentado pelo professor. Sendo ela conhecedora de suas limitações sente-se insegura para realizar algumas tarefas desejando assim que outros façam por ela. Contudo, agindo dessa maneira o saber não será algo atingível, pois esse é um ato exteriorizado, como nos declara Antunes o processo do saber é inverso. O estímulo do professor para que o aluno realize suas tarefas contribuí para a formação de um ser humano progressivo, que analisa o que foi feito, diante de sua insatisfação busca fazer melhor a cada oportunidade. Sobre esse assunto Tiba apresenta de forma rica argumentos que, em minha opinião, merecem ser considerados,

O ser humano progressivo é o que busca sempre melhorar seus resultados, aprendendo a economizar seus recursos, a poupar tempo e a evitar desperdícios de qualquer espécie para superar cada vez mais a sua marca anterior. Limites não são quebrados, mas ampliados e expandidos. Marcas são superadas. *Performances*, melhoradas. O que era considerado excelente deixa de ser quando se descobrem novos recursos ou novas técnicas, quando encontram diferentes aplicações a campos já conhecidos ou quando há migrações de uma área para outra. Portanto, a perfeição se torna provisória ou passageira para o ser humano progressivo. Nossa mente é tão rica, que cria e desenvolve soluções para conflitos e problemas que ela mesma produz. A humanidade está provando que não existem problemas sem soluções. O que costuma acontecer é que tais soluções ainda não tenham sido descobertas (Tiba, 2006, p.211).

A aula culminante deste trabalho, também a mais esperada, foi a que os grupos apresentaram para seus colegas sua história. Momento esse de superação, como nos foi relatado por Tiba, pois para interpretar fez-se necessário que o aluno adotasse seu personagem modificando a voz e expondo-se diante da turma.

Percebi respeito mutuo entre os alunos durante as apresentações, alguns mostraram-se tímidos, mesmo assim participaram, com a fala mais curta ou tom de voz mais baixo em relação aos demais colegas. De uma forma geral os alunos mostraram-se satisfeitos com a realização da atividade, fato este relatado na aula final em que conversamos sobre todo o processo percorrido, retomando os passos, registrando suas impressões e considerações. Nesses registros o que mais ganhou destaque dos alunos foi o fato de desenvolverem o trabalho com os colegas. Alguns apresentaram os conflitos que surgiram em seu grupo, conversamos sobre isso, as formas de resolvê-los e evitá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O motivo pelo qual escolhi compartilhar sobre o Projeto Aprendizagem Divertida se deu não apenas ao sucesso do mesmo em seu desenvolvimento no meio escolar. Pois esse fato só veio confirmar a teoria de que ao trabalhar educação, trabalhamos acima de tudo com seres humanos e sentimentos. Mas principalmente porque acredito na importância dos valores humanos serem trabalhados constantemente em sala de aula por todos os professores e não apenas pelo professor de uma disciplina específica.

O que aconteceu durante o projeto Aprendizagem divertida tanto em sala de aula, quanto fora dela é grandioso demais para se resumir a uma escrita no papel, as expressões, os olhares de alegria e satisfação, a certeza da capacidade de fazer e sentir-se útil com isso, as trocas, o coleguismo e as superações, mostram que o ser humano acima de tudo deve conhecer o que é realmente o amor e aprender a praticá-lo. Pois esse é o principal sentimento que move as pessoas

Ensine os jovens, com palavras e sobretudo atitudes, a amar a espécie humana. Comente que acima de sermos americanos, árabes, judeus, brancos, negros, ricos e pobres, somos uma espécie fascinante. Nos bastidores da nossa inteligência, somos mais iguais do que imaginamos. Elogie a vida. *Leve os jovens a sonhar. Se eles deixarem de acreditar na vida, não haverá futuro* (Cury, 2008, p. 107).

OBRAS CITADAS

CHAVES, Gilmar Vieira. **Educação cristã, uma jornada para toda a vida**. Rio de Janeiro, RJ: Central Gospel Ltda, 2012.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. **Arte na educação escolar**. São Paulo, SP: Cortez, 2010.

ANTUNES, Celso. **Metáforas para aprender a pensar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo, SP: Cortez, 1980.

_____. **Entre a ciência e a sapiência**. São Paulo, SP: Loyola, 2001.

TIBA, Içami. **Disciplina: Limites na medida certa. Novos paradigmas**. São Paulo, SP: Integrare, 2006.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro, SP: Sextante, 2008.

MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e Prática do ensino da Arte: A língua do mundo**. São Paulo, SP: FTD, 2009.